

Gabriela Levy*

Depois da natureza?

*Vi que não há Natureza,
que Natureza não existe,
que há montes, vales, planícies,
que há árvores, flores, ervas,
que há rios e pedras,
mas que não há um todo a que isso pertença,
que um conjunto real e verdadeiro
é uma doença das nossas ideias.*
Fernando Pessoa, 1925

A natureza não é hoje mais o que era antes, nem enquanto conceito em processo de desconstrução, nem enquanto realidade, mergulhada na destruição de uma crise ecológica sem precedentes. Sem esquecer este segundo aspecto, crítico para o futuro da vida terrestre e indissociável do primeiro, o presente *Dossiê* tem por objetivo nos situar na releitura crítica à qual a filosofia e as ciências humanas têm realizado da nossa invenção histórica da natureza.

Como sabemos, a noção de natureza tem suas raízes no conceito de *phusis* da filosofia grega antiga e, em particular, de sua elaboração aristotélica. Mas será, posteriormente, com a dominação progressiva do cristianismo no Ocidente, que o homem será extraído da *phusis* para ser instituído em sua hegemonia ontológica. Passa-se assim a construir, em nossas representações, uma objetivação da

natureza enquanto domínio separado da humanidade e submetido a sua dominação. Esta visão antropocêntrica será ainda coroada e radicalizada pela revolução científica do século XVII, dando nascimento à cosmologia moderna na qual o homem é, segundo Descartes, “mestre e possuidor da natureza”. Instaure-se portanto no mundo ocidental a fronteira entre cultura, domínio do humano, do construído, do adquirido e natureza, considerada como campo ontológico autônomo, domínio do dado, do inato e do inerte, tido como objeto de investigação e de experimentação pela ciência, bem como fonte inesgotável de exploração econômica¹.

É na tradição desta grande partilha que, em *O futuro de uma ilusão*, Freud (1927/2014) inscreve sua própria reflexão sobre uma cultura produzida em contraste a uma natureza inquietante e toda poderosa. A natureza freudiana estaria, assim, do lado da violência e do descontrole, enquanto que a cultura teria por função controlar e preservar-nos do seu “opressivo poder superior” (p. 254). Porém, apesar de reproduzir ao seu modo esta dicotomia clássica, Freud não deixa de relativizar a pretensa supremacia do homem (ocidental), advertindo-nos sobre a fragilidade de seu exacerbado narcisismo. Assim, alerta: “Com essas

forças a natureza se ergue contra nós, majestosa, cruel, implacável, sempre nos recordando nossa fraqueza e desvalia, que pensávamos haver superado mediante o trabalho da civilização” (p. 247). Nada mais atual num momento em que um diminuto ser, o novo coronavírus Sars-Cov-2, confronta-nos globalmente com nossa vulnerabilidade, desestabilizando e modificando radicalmente nossas regras de convivência e nosso modo de habitar o mundo.

É justamente esta nova ferida narcísica imposta pela pandemia de Covid-19, bem como pelos devastadores “mega-incêndios” na Austrália na virada do ano de 2019-2020, que a filósofa Alyne Costa toma como ponto de partida de sua reflexão no artigo que escolhemos para abrir este *Dossiê*, “Fronteiras entre vida e não vida: O vírus no Antropoceno”. Nele a autora discute as possíveis aproximações entre a ambivalente figura do vírus, entre animado e inanimado², e a do Antropoceno, na qual a *homo industrialis* se converteu em força geológica e climática planetária, borrando as fronteiras entre sociedade e natureza. Seu texto argumenta, portanto, que tanto o aquecimento global como o surto de Covid-19 são exemplos de híbridos de natureza-cultura que nos colocam frente

à atual inoperância de algumas das oposições fundamentais para a organização da sociedade moderna, como aquela estabelecida entre natureza e cultura e entre vida e não vida (ou biologia e geologia), desafiando-nos a imaginar e criar outros modos de existir junto aos demais seres que, conosco, habitam a Terra.

Na sequência, deixando o domínio das tragédias deste início de século XXI, o artigo do antropólogo Felipe Vander Velden, “Natureza/cultura: Descentramento, crítica e desafios das ontologias não dualistas”, focaliza

sua abordagem na desconstrução da fronteira natureza/cultura a partir das contribuições da antropologia contemporânea. Estas nos deparam ao espelhamento desestabilizador das formas de pensamentos não-ocidentais, nas quais esta dicotomia não tem relevância ontológica, mas também, simetricamente, ao desmascaramento dos híbridos naturais-culturais no fazer da ciência e tecnologia ocidental. Assim, seu artigo nos convida a um conciso e didático percurso pelos aportes mais relevantes da antropologia atual nos quais se revisita o “paradigma dualista”, tema deste *Dossiê*, seguindo, a partir de Lévi-Strauss, a trilha dos trabalhos etnográficos de importantes autores contemporâneos como Philippe Descola, Bruno Latour, Tim Ingold, Marilyn Strathern, Donna Haraway, Eduardo Viveiros de Castro, entre outros.

O artigo seguinte, “A virada vegetal” do filósofo Emanuele Coccia, dá um passo a mais na desestabilização do par natureza/cultura e na relativização da excepcionalidade humana, trazendo desta vez as plantas como protagonistas centrais do mundo vivo. O autor propõe ultrapassar tanto o antropocentrismo do pensamento ocidental, quanto o “zoocentrismo” que “estendeu o narcisismo humano ao reino animal”³. Coccia descreve assim como a botânica contemporânea e a descoberta da “inteligência vegetal”⁴ passaram a nos confrontar a um novo paradigma a partir do qual é necessário repensar a interrelação de todos os seres vivos, o que induz, portanto, a abandonar “a ideia de uma separabilidade entre as formas humanas e as não-humanas de sociabilidade”. Além disso, estes avanços científicos sobre a sensibilidade e a comunicação das plantas demonstram que o cérebro constitui apenas uma das possíveis configurações anatômicas da inteligência dos seres vivos, obrigando-nos “a

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

1. Ver: Latour (1991/1994, 1999); Descola (2005/2012, 2018).

2. Compostos por uma partícula de código genético (ADN ou ARN) encapsulado numa vesícula de proteína, os vírus para sobreviver e replicar-se precisam necessariamente plugar-se a uma célula viva.

3. Ver: Coccia (2016, p. 16).

4. Ver: Mancuso e Viola (2018).

imaginar de maneira diferente o pensamento e sua relação com o corpo”.

Este questionamento da oposição entre corpo e mente é precisamente o objeto tratado pela conferência “Desencarcerar os corpos?” do antropólogo e filósofo Bruno Latour. Neste texto, que mantém a espontaneidade e cadência do registro oral, o autor problematiza a oposição sustentada pelo pensamento ocidental clássico entre mundo interno, mente/alma, e mundo externo, corpo/matéria; oposição esta que replica, na composição do indivíduo humano, o esquema genérico da partilha natureza/cultura. Assim, através de sua “antropologia simétrica”, Latour articula tanto o conhecimento fornecido por outras ontologias e sistemas de curas não-ocidentais (inspirado nos trabalhos etnopsiquiátricos de Georges Devereux e Tobie Nathan), quanto aquele oriundo da “Antropologia da natureza” – proposta por Philippe Descola em sua revisitación do naturalismo ocidental subjacente ao dualismo mente/corpo. Para o autor, promover um certo “pluralismo ontológico” traria, assim, a possibilidade de ampliar a base comparativa da psiquiatria permitindo, ao mesmo tempo, um produtivo retorno crítico e reflexivo sobre suas práticas. O artigo destaca, neste contexto, o uso dos medicamentos e das categorias do DSM como forma de nomear e instaurar realidade social aos transtornos mentais e a necessidade de uma análise profunda que ponha em relevo as redes híbridas que produzem estas “doenças medicamentosas” para além da problemática da oposição mental/material.

Finalizamos este *Dossiê* com o artigo “Instabilidade do par natureza/Cultura: As novas tecnologias reprodutivas conceptivas na constituição do parentesco”, da antropóloga Naara Luna. Nesta contribuição se retoma, no marco das novas tecnologias reprodutivas, o debate sobre a partilha natureza/cultura via a crescente diluição contemporânea da oposição entre biológico e social. A autora observa, nesta perspectiva, o quanto a inseminação artificial e

a fertilização *in vitro* contribuem a dissipar os limites entre natural e artefactual num campo onde a biologia é continuamente alterada pela intervenção técnica. O texto destaca, além disso, de que modo estas intervenções tendem a ampliar o leque das escolhas referentes à constituição do parentesco num contexto no qual a oposição entre biológico e social deixa de ser relevante. As tecnologias reprodutivas abrem, assim, um campo de intercambio complexo de significantes combinando referências outrora atribuídas a uma ou a outra vertente da fronteira natureza/cultura, contribuindo a esvaecer sua operatividade ontológica.

Concluiremos a apresentação deste *Dossiê*, *Natureza/Cultura: A queda de uma fronteira*, trazendo as marcantes palavras de Claude Lévi-Strauss (1973/1976), quem há muito vislumbrara o quanto o questionamento do nosso conceito de natureza, além de mero exercício especulativo, constitui hoje um desafio crucial para a definição de um novo humanismo que possa ir além da aniquilação ecológica e do ódio às diferenças:

Começou-se por separar o homem da natureza, e por fazer com que ele constituísse um reino soberano; acreditou-se assim encobrir seu caráter mais irrefutável, a saber, que ele é um ser vivo. E, permanecendo-se cego para esta propriedade comum, deu-se total liberdade a todos os abusos. Nunca melhor que ao termo dos quatro últimos séculos de sua história, o homem ocidental pôde compreender, senão arrogando-se o direito de separar radicalmente a humanidade da animalidade. Concedendo a uma tudo o que tirava da outra, ele abria um ciclo maldito, cuja própria fronteira, constantemente recuada, serviria para desviar os homens dos outros homens, e para reivindicar, em proveito de minorias sempre mais restritas, o privilégio de um humanismo, corrompido logo ao nascer, por ter buscado no amor-próprio seu princípio e sua noção. (p. 49)

Referências

- Descola, P. (2012). *Mas allá de naturaleza y cultura*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 2005).
- Descola, P. (2018). *Les Natures en question*. Paris: Odile Jacob.
- Coccia, E. (2016). *La vie des plantes: Une métaphysique du mélange*. Paris: Payot & Rivages.
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. Em P. C. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 17, pp. 231-301). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1927).
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1991).
- Latour, B. (1999). *Politiques de la nature: Comment faire entrer les sciences en démocratie*. Paris: La Découverte Poche.
- Lévi-Strauss, C. (1976). *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (Trabalho original publicado em 1973).
- Mancuso, S. e Viola, A. (2018). *L'intelligence des plantes*. Paris: Albin Michel.
- Pessoa, F. (1999). O guardador de rebanhos. Em F. Pessoa, *Obra poética* (p. 226). Rio de Janeiro: Nova Aguilar. (Trabalho original publicado em 1925).